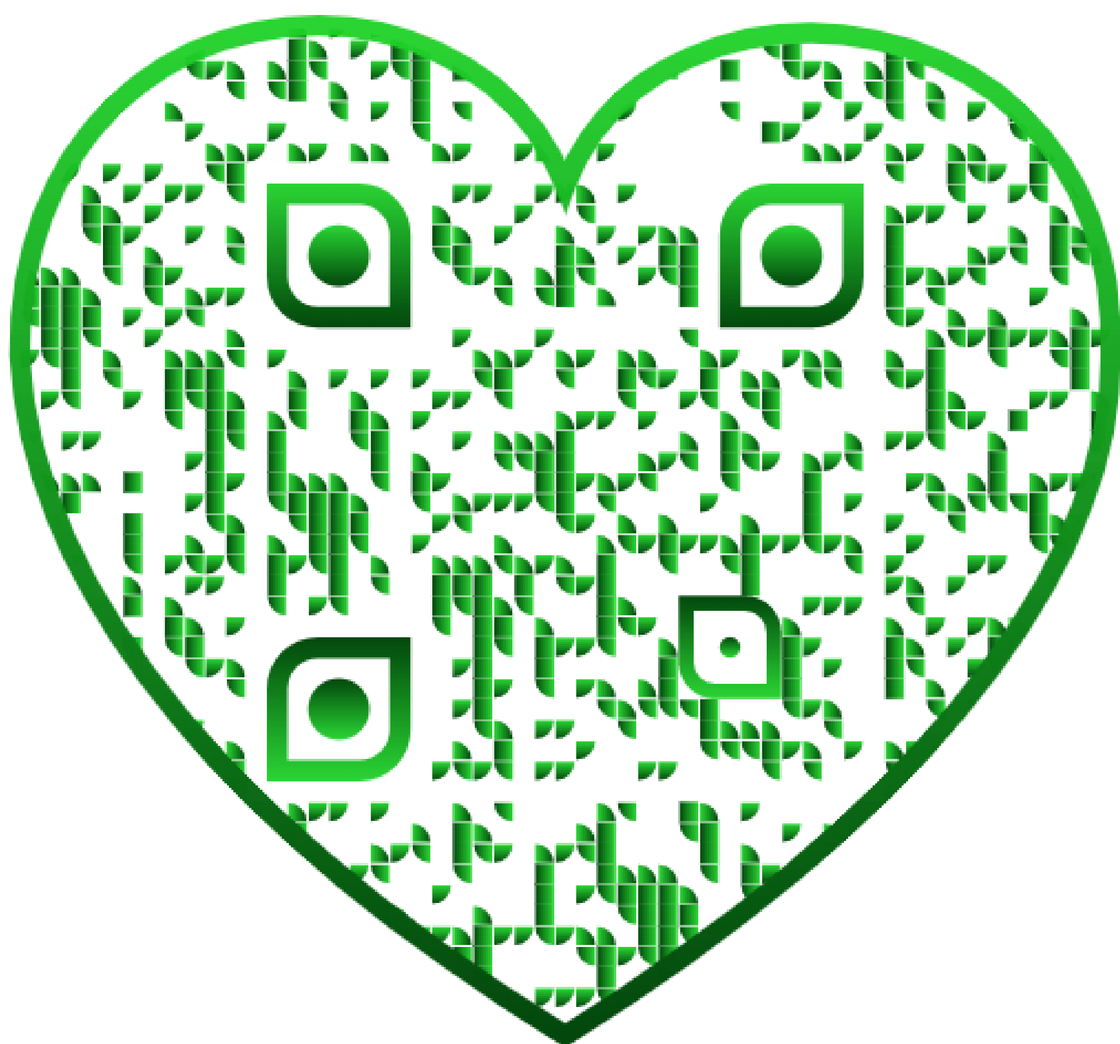


Ælfwine
O Amigo dos Elfos
J R R Tolkien



O marinheiro Anglo-Saxão Ælfwine, filho de Eadwine, filho de Oswine, cujo pseudônimo era Eriol, foi um dos primeiros elementos dos mitos de Tolkien: enquanto procurando por ilhas distantes no Atlântico Ælfwine encontrou um caminho para Tol Eressëa, e foi permitido que ficasse lá por um tempo. Em Tol Eressëa Ælfwine aprendeu muito da velha história da Terra-média e a trouxe de volta para a Inglaterra, fazendo esses contos finalmente chagarem as mãos de Tolkien.

O volume IX dos HoME, Sauron Defeated (SD), tem a maior parte das informações a respeito de Ælfwine. Ele nasceu em 869 DC, tinha 9 anos quando o seu pai, Eadwine, desapareceu no mar, Eadwine tinha mais de 50 anos em 878 DC (o ano em que o Rei Alfred, o Grande, se retirou para Athelney). Eadwine havia navegado para muito longe e também sabia de Eressëa, seja pessoalmente ou por antigos contos.

Existem relatos muito curiosos em SD referentes ao Notion Club, um dos membros era Alwin 'Arry' Arundel Lowdham, nascido em 1938. Seu pai Edwin tinha navegado sozinho no Atlântico Norte, em algum lugar ele tinha visto e copiado um velho documento em Anglo-Saxão escrito em tengwar, mas não o havia revelado; ele desapareceu no mar em Junho de 1947 durante uma viagem distante. Outro material extremamente antigo, incluindo um texto bilíngüe em Quenya/Adûnaic e dois poemas Anglo-Saxões foram revelados a alguns dos membros do clube através de rotas paranormais, alguns destes fenômenos ocorreram mesmo durante as sessões do clube e culminaram na violenta tempestade de 12 de Junho de 1987, como se para lembrar aos Homens que os Senhores do Oeste ainda existiam e regiam Arda.

Poucos Anglo-Saxões fora da Igreja eram instruídos; se Ælfwine ou Eadwine realmente escreveram o original do documento, ele provavelmente nunca aprendeu a ler e a escrever na Inglaterra até depois da sua viagem, e quando foi instruído, foi em tengwar na distante Tol Eressëa. Como Edwin Lowdham viu o original deste documento, parece provável concluir que ele também teve uma visão paranormal deste.

HoME IX - Sauron Defeated, pág 272

Þús cwædhð Ælfwine   Wídlást Éadwines sunu:
Fela bið on Westwegum   werum uncúðra
wundra and wihta,   wlitescéne land,
eardgeard ælfa   and ésa bliss.
Lyt ænig wát   hwylc his langoð síe
þe eftsíðes   eldo getwæfeð.

“Assim dizia Ælfwine, o que viajou distante, filho de Eadwine: / Muitos estão nos caminhos do oeste, para os homens desconhecido / maravilhas e seres estranhos, uma bela terra de se olhar, / terra da morada dos Elfos e glória dos Deuses. / Pouco sabe qualquer um qual é o desejo dele / a quem a velha idade impede de retornar.”

[Isto parece ser uma nova composição de Tolkien.]

HoME IX - Sauron Defeated, pág 272

Monaþ módes lust mid mereflóde
forþ tó féran, þæt ic feorr heonan
ofer gársecges grimme holmas
Ælfwina eard út geséce.
Nis me tó hearpan hyge ne tó hringþege,
ne tó wífe wynn, ne tó worulde hyht,
ne ymb ówiht elles, nefne ymb ýða gewealc.

“O desejo do [meu] coração [me] urge com a inundação do mar, próxima de acontecer, de forma que eu longe daqui através das grandes e severas 'ilhas' do oceano (= grandes ondas) / a terra dos Amigos dos Elfos longe buscaria. Não é [satisfatório] para mim o pensamento de harpa, nem o seu soar / nem o prazer de uma mulher, nem o chamado do mundo, / nem qualquer outra coisa, exceto o movimento das ondas.”

[Tolkien modificou esta rima através de fragmentos do antigo poema Anglo-Saxão "O Marinheiro". Os itálicos marcam as suas alterações do original.]

O termo **ut**, 'out' (fora) parece não ser como em inglês 'seek out', (buscar) mas significar 'remotamente distante de todas as terras e áreas do mar habituais’. Ælfwine parece ter desejado muito profundamente voltar para Eressëa. O que ele viu lá? Ele alguma vez voltou ou deixou seus ossos na Inglaterra ou no mar profundo ainda ansiando pelo retorno? Teriam Eadwine, ou qualquer um dos Lowdhams, mais de mil anos depois, alguma vez chegado a Tol Eressëa? Nós ouvimos das ‘Artes dos Eldar', mas o que em detalhes eram estas artes? Além de um clima tépido sem inverno permitindo uma vida mais fácil e uma vida de plantas e animais muito mais variada, e muito melhores condições para manter uma tradição de conhecimento, o que consistia a 'Glória dos Valar'?

As erupções ocasionais de indubitável ou provável poderosa tecnologia nos tempos da Terra-média dão uma impressão que estas artes e glória não eram todas de fabricar ornamentos e cultivar árvores ornamentais e um clima bom e uma vaga e penetrante euforia, mas algumas permissões de tecnologia sem deixar esta dominar ou assumir o controle. Em qualquer caso, Ælfwine tendo vivido durante algum tempo entre estas coisas teria sentido falta delas como também do clima tépido e o acesso para habilidades e registros antigos, quando enviado e lançado de volta em uma Inglaterra de inverno frio como gelo e pecuária laboriosa, onde a tecnologia mais alta era o ofício da ferraria bruta de “martelo e forja” e algumas fechaduras de porta e coisas semelhantes. A última informação conhecida que chegou das Terras Imortais foi a que os Istari (os Magos) trouxeram com eles no início da Terceira Era e acharam apropriado revelar, e a última antes disso veio com as últimas navegações dos Eldar de Eressëa para Númenor; estes podem ter mantido muito segredo, e nas longas eras entre aquela época e o tempo de Ælfwine muito pode ter acontecido ali.

Com as artes dos Eldar tão altamente desenvolvidas por tanto tempo sem interrupções e retrocessos causados por ataques de guerra, e com a imortalidade física deixando que a nova descoberta fosse contínua e não tendo que competir pelo tempo com a necessidade sucessiva de treinar a próxima geração, e depois a separação de Valinor e Eressëa do resto da Terra reduziu grandemente o risco de tais artes chegarem em mãos erradas, por exemplo os Noldor poderiam seguramente com facilidade fazer do mergulho em busca de pérolas dos Teleri (que Tolkien menciona em várias passagens) algo mais seguro e fácil. Poderiam os Noldor ter desenvolvido sua tecnologia de forma a tornar possível mergulhos em águas profundas? Em locais onde a ação de conter a respiração sem equipamento apropriado, com a hipoxia crônica resultante e riscos de serem apanhados debaixo d'água por mais tempo que um pulmão cheio de ar suportaria?

Nesse caso, se como além de um clima morno sem invernos e tendo acesso rotineiro a uma vida imensa, um arquivo escrito de conhecimento e história antigos e contacto com Elfos que ainda vivem que tenham tomado parte em eventos muito além de qualquer coisa que os Homens ainda se lembrassem, teria Ælfwine mergulhado com algum aparelho de respiração habitualmente utilizado lá e retornado para uma terra fria e primitiva com nenhuma esperança de retorno aquelas terras? Não era surpresa que ele almejasse o retorno, entretanto distante ele tivesse que navegar sozinho através do mar frio e tempestuoso para chegar lá. Eressëa era tropical ou quase assim, como parece de uma menção de pesca de pérola; Legolas em O Senhor dos Anéis descreveu Eressëa como "onde as folhas não caem"; Tolkien diz em algum lugar que Alqualondë é 'perto da cerca de Arda'. como também todas as outras coisas que os Elfos lhe deixaram ver ou usar, Ælfwine tinha deixado o seu mergulho e o seu equipamento para trás no calor de Eressëa, quando as saudades de casa e as ordens do senhor da ilha o enviaram de volta para a Inglaterra; mais tarde ele percebeu o quanto ele sentia falta do que havia abandonado irreparavelmente, pois freqüentemente ele mergulhou em seus sonhos e o seu lugar de mergulho e o seu equipamento como sempre dissolvidos como um fantasma em despertar em uma Inglaterra totalmente carente na habilidade do artesão e materiais necessários para fazer isto.

De mais uso para a sua terra do que uma carga de navio de jóias brilhantes ou história antiga, teria sido uma ação de criação de uma árvore ou arbusto tolerante ao frio que produzisse borracha em sua seiva, mas não era para ser assim, enquanto os marinheiros da água fria e outros trabalhadores ao ar livre necessitando de capas impermeáveis para impedir o frio fatal do freqüente encharcamento por respingos ou chuva, tinham que se arranjar com coisas tais como lã espessa com graxa de ovelha deixada nela e não lavada, suja, ou o recurso sujo de perigo de fogo de um artigo de vestuário externo encharcado no breu do navio. Até mesmo os oleados dos marinheiros (pano de algodão espesso encharcado em óleo de linhaça) não estava disponível no seu tempo e tinha que esperar por um comércio de linho bastante para fornecer o óleo de linhaça e por colônias e navios melhores para trocar algodão de uma raridade de tipo de seda por um artigo comum. Outros usos que agora requerem borracha tinham que se arranjar com tais substitutos como couro engraxado que vaza nas costuras e apodrece quando molhado.

Ælfwine chamou Eressëa Ælfwina Eard, "terra dos Amigos-dos-elfos". Permitir 'os Amigos-dos-elfos' ou qualquer outro Homem em Eressëa parece seria uma violação da Proibição dos Valar; talvez aquela lei tivesse sido relaxada até lá ou pequenas violações

secundárias aceitas, permitindo Homens ocasionais em Eressëa durante algum tempo contanto que eles não começassem um estabelecimento permanente, uma vez que esse era o único modo que os Eldar poderiam alguma vez ainda descobrir mais facilmente o que estava acontecendo no resto da Terra depois que Círdan de Mithlond e os últimos dos seus construtores navais embarcaram no último retorno os Navios-dos-Elfos e o caminho para o Antigo Oeste para os Elfos da Terra-média estivesse para sempre fechado.

Depois do seu retorno, Ælfwine ficou muito tempo na Inglaterra e ajudou o seu rei a montar uma frota para tentar deter os Vikings antes que alcançassem a terra. Ele copiou e entregou muitos grandes livros de história antiga que os Homens tinham esquecido. De algumas das coisas que havia visto de Tol Eressëa e de como chegar lá, ele nada indicava, como se tivessem lhe proibido de falar plenamente a seus conterrâneos. Mas ele parecia inquieto e falava do mar como não somente algo para se pescar nele com barcos e se cruzar para alcançar outras terras. No verão quente ele nadou no mar por escolha, não meramente como prática no caso que ele tivesse que chegar a orla em emergência, uma coisa rara naquele tempo e naquela terra. Isso parecia sossegar a inquietude, porém não sempre. Ælfwine tinha uma perícia incomum em nadar para alcançar coisas no solo oceânico raso, mas de alguma maneira parecia frustrado que ele não pudesse fazer coisas que tinham sido familiares a ele; uma vez quando quase morto de exaustão depois de uma luta gelada e longa para conseguir uma linha em uma âncora do navio perdida em quatro braças de profundidade a base do navio em Portloca (agora Porlock) em Devon, no norte, ele desesperadamente deixou estas palavras escaparem: "Onde eu estive, poderia ter feito isto facilmente! Swéot is súgiles bræþ begeondan sæ! [Doce é a respiração do súyil além do mar!]", e em outros momentos sugestões semelhantes surgiram.

O cabelo de Ælfwine se tornou grisalho, os homens disseram que ele iria algum dia ter que deixar de velejar; isso fez a sua estranha inquietude do mar mais forte. Uma manhã em Porlock ele não veio do seu quarto para o salão do rei. Havia tinha partido e também o seu cavalo, as marcas das ferraduras deste conduziam para o mar; Ælfwine tinha levado um navio e nunca foi visto pelos Homens. No seu quarto foi achado este escrito em um resto de pergaminho. Este carece do seu estilo habitual e polimento denunciado de composição precipitada. As primeiras duas linhas eram uma versão métrica de algo que tinha dito algumas vezes indicando a respeito de onde havia estado, mas o resto falava de uma coisa desconhecida aos Homens e que os Homens não descobririam ou fariam ou teriam a habilidade para fazer até que mil anos de guerras e mudanças e movimentos de povos tivesse passado. Este continha duas palavras desconhecidas a eles e que não era no seu idioma ou Latim ou Galês ou em Cornish ou no idioma dos Vikings.

Þær swíþe swéot   sæ begeondan
is blóstma bræþ   beorhtan landes;
and swêot þær éac   is súgiles bræþ
under sæ swimman   þonne sóhte ic oft
an gewihtléasum wegum   wynne under ýðum,
ælfcræft éadig   þe ne an eorþe mann,
ná cræftig smiþ,   cann gewyrcan.
Is garsecg gréat   and georne ic sáre
þæt ic éode þanon,   éþel sohte,

ofer hwæles ráde   hider an ceole,
land læfende   þæt ic lufode wel.
Nú slæpende oft   mínne súgil ongean
ic bere an bæce   in beorhtum wætrum
and wilgeartar   gewundenum rápum
íren geholode,   is geholden to mé;
ac morgne melteþ   in manna lande,
gæþ feorr heonan   swa gast nihtes,
and áwacenum were   seo wynn is ná.
Eall nu gé habbaþ   þe ic hider ongean
gesendede wæs secgan   Seaxna folce
and gewritenra worda   wisra bocfela,
ymb þæm an eorþe wæs,   ealdum wígum,
rícum rinca,   recedum ælfa.
Nú ic ga an scipe   þone gegeornedan findan
ofer seolhpaþum,   mínne súgil ongean
ic will beran an bæce   in beorhtum sæm,
and fela fisca   fágra ymb séon,
and in gesuncenum scipum   sæ útan niman
þa geo wæron gehygde   gehiden æfre.
Ne tó gumena grunde   will gegifen ic béon
æt déaþdæge   éan dýfe ongean.

"Lá muito doce além do mar está a brisa das flores da terra radiante. E doce também é a respiração do **súyil** ["aparelho de respiração, c.f. **tec-il** = "escrita"], nadar sob o mar, quando freqüentemente busquei em caminhos leves prazer sob as ondas, arte excelente dos elfos, que nenhum homem na terra, nenhum forjador talentoso, sabe fazer. O Oceano é grande, e me senti atraído por ele extremamente, que por essa razão eu parti, busquei minha pátria, deixando aquela terra que eu amei muito. Agora freqüentemente [enquanto] dormindo novamente levo minha respiração instigada em [meu] passado em águas brilhantes e o **wilyartar** [o "retentor de ar"] de ferro oco está preso a mim com cordas entrançadas, mas de manhã se derrete, conseqüentemente vai para longe, como um fantasma da noite, e para um homem [que está] desperto aquele prazer nunca há. Vocês [plural] agora têm tudo aquilo que eu fui enviado de volta para cá para que dissesse ao povo Saxônio, e palavras sábias escritas [o bastante para] muitos livros, sobre o que havia na terra, velhas guerras, reinos de homens, construções dos elfos. Agora eu vou em um navio para encontrar aquilo que ansiava através dos caminhos das focas [o mar]. Eu levarei novamente minha respiração instigada no [meu] passado em mares luminosos, e [eu vou] ver muitos peixes de muitas cores ao redor de [mim], e em navios afundados [eu vou] tirar do mar o que em dias antigos foi considerado estar escondido para sempre. Eu não serei concedido à terra dos Homens no dia da [minha] morte sem um mergulho novamente."

O rei Edward, o Mais Velho (899 - 924) filho de Alfred o Grande e os seus seguidores repudiaram isto como um conto de magia e depreciaram o navio que Ælfwine tinha levado, retornaram às suas vidas políticas e guerreiras de tentar manter Wessex unida contra os ataques Vikings; Os relatos de Ælfwine, os livros e conhecimento que ele tinha trazido de

volta do Oeste ficaram esquecidos em despensas de monastérios durante um tempo muito longo.

Ælfwine velejou para o Oeste, dirigido por um vento forte oriental frio das planícies dos Huns, e pela sua vontade desesperada de caminhar novamente na terra dos Eldar. O estoque do seu navio era o bastante mas não duraria para sempre, e ele pescava quando podia. Escapou dos dentes entalhados da Irlanda do Sul e suas tribos de pilhadores do mar, deixou a triste e fria Europa montada para guerra enquanto os extremos de Kerry ficaram para trás. O vento soprou em muitas direções e às vezes o deixou calmo como fatos de tempo passados, ele tinha que trabalhar duro para não velejar sem rumo. Enquanto lutava com ventos contrários fez uma represa da vela sobressalente para pegar água de chuva, porque os seus barris de água não durariam para sempre. Dormia quando podia, poderia conhecer bem a latitude, mas entre os navios dos Homens os cronômetros estavam distantes no futuro e Ælfwine não tinha nenhum modo preciso de achar a sua longitude.

Ele tinha procurado uma ilha lendária, e tinha encontrado muitas: em vários momentos ele e outros tinham visto ou caminhado em o que depois seria chamado de Açores e as Ilhas de Cabo Verde e da Madeira e as Ilhas Canárias; Vikings capturados tinham descrito a Islândia e Spitzbergen; os Romanos tinham conhecido a Islândia como 'Thule, a Mais Afastada'; Os Celtas podem até mesmo ter chegado à América antes dos Vikings. Mas estas não eram as que ele buscava, e nativos selvagens que não conheciam nenhuma escrita ou metal não eram o Belo Povo. O vento e o mar ficaram mais quentes enquanto ele ignorava estes lugares e velejava ao longe para o sudoeste no mar infinito.

Mas Ælfwine tinha velejado a Estrada Direta antes e poderia dizer quando estivesse perto desta novamente. Ele a encontrou e passou ao longo desta, longe do mundo dos Homens. Quase todas as vezes que os Homens vagueiam por aquele caminho, uma tempestade que os Elfos chamam as 'Águias Manwë' sopram-nos de volta para o leste, usualmente antes que tenham visto quaisquer das Terras Imortais; mas para ele da vez anterior as Águias foram controladas e ele velejou as últimas léguas facilmente para a terra da tradição, habilidade e conhecimento de tempos antigos muito além de qualquer coisa que os Homens tivessem. Mas não desta vez, enquanto ele vinha fora da Rota em um mar aberto, distante e quente e tentou manter um curso direto em um vento que não era calmo mas agora chegava em rajadas fortuitas de muitas direções sob um céu coberto intensamente obscuro; a protuberância do mar mudou assustadoramente, mas Ælfwine não retrocedeu.

Depois de uma visão distante e breve da terra que buscava, o céu ficou negro no oeste e as Águias de Manwë estavam sobre ele, com asas de tempestade, com garras de relâmpagos, guinchando e com grunhidos de trovão. Ælfwine havia passado por uma longa provação, ingerindo comida estragada de ser mantida por muito tempo, bebendo água suja pelo longo armazenamento em barris de madeira, tendo que comer comida de Orc como o único modo para alcançar a terra dos Elfos, para ver nada mais da terra do súyil do que um vislumbre e uma tempestade. Embora estivesse bem avançado na meia-idade enfrentou a tempestade e não fugiu diante dela. Seu machado havia cortado como pôde toda a estrutura que pudesse captar o vento, exceto o mastro e a vela, e ele tinha usado a madeira sobressalente que possuía para reforçar o mastro; deslizando de modo selvagem e perigosamente ele direcionou, oscilou controlou deste modo e daquele acima de ondas montanhosas cujos

topos foram soprados em torrentes de rajadas, norte e sul, às vezes perdendo enquanto o vento forte soprava no lado do navio, às vezes ganhando. No seu lar no mar ele não poderia ter feito isto, mas lá o mar e a rajada eram muito mais quentes e não o congelavam. O abrigo da terra cortou o vento um pouco, e ele pensou alcançar a terra; mas as rajadas de vento afuniladas ao longo do vale por trás de Avallóne o sopraram para trás um longo caminho. Ele tinha estado acordado três dias e noites. Desesperado ao limite, dirigido pelo conhecimento de que os súyili estavam agora tão próximos fez um último esforço para se dirigir para o oeste contra o vento forte que agora era mais feroz do que nunca. Se ele falhasse desta vez teria tido que se deixar ser soprado de volta para o leste; mas nesse último cruzeiro frenético em direção ao norte o seu navio bateu no Cabo Oriental de Eressëa apenas cem jardas oeste de sua ponta oriental.

Com suas últimas forças ele se dirigiu para dentro de uma fissura estreita. O navio se destroçou. Uma onda grande o ergueu alto em cima do precipício, e ele se pendurou em uma borda da terra de Eressëa que só os pássaros tinham alcançado antes. Sem esperança Ælfwine tinha cruzado toda a barreira novamente. Ele escalou mais adiante enquanto o vento forte, as rajadas de vento e a chuva tentavam dilacerar os rochedos íngremes, ele se fixou a um forte arbusto salgado e robusto crescendo a partir da rocha nua, e apesar do estrondo do trovão e do vento dormiu como os mortos entre os ninhos sujos das aves marinhas, tendo enfrentado as Águias de Manwë e vencido.

Ele despertou afinal, porque estava muito mais quente que a Inglaterra, e a hipotermia não o alcançava. Em um choque irreal de gratidão viu as árvores florescentes cujas folhas nunca caem, os pássaros brilhantes e emplumados cujo ano não é governado pela necessidade de fugir para o sul todos os invernos, sentiu a terra que ele tinha buscado por tanto tempo como consistente debaixo dele e não mais uma visão distante e desesperançada. O sangue tinha secado nas feridas onde pedra cortara a pele. Como a extremidade da tempestade soprou a si mesma para longe afinal e as nuvens despedaçaram-se e clarearam, ele se esforçou para o topo do precipício e para o oeste ao longo da parte de trás arqueada do cabo rochosa semelhante a dentes de tubarão e cambaleou para o interior através das samambaias e dos rebentos da vegetação rasteira da enorme floresta antiga procurando por habitação. O solo estava esparramado com ninhos e galhos e ramos que a tempestade tinha derrubado. Algumas árvores estavam no chão; os Teleri salvariam a madeira, e através dos anos rebentos competiriam para preencher as brechas. Pássaros e rãs das árvores cantavam acima. A provação de seu desesperado cruzamento do mar desapareceu em alívio. No primeiro rio que ele achou ele gratamente bebeu profundamente da primeira água limpa durante semanas e lavou o sal e a sujeira do seu navio. Nos arbustos ao longo de suas ribeiras germinavam frutas e sementes: ele sabia que os Elfos tomam conta da floresta e não são amantes de plantas venenosas. Uma aldeia de Elfos locais lhe deu comida e cama. Ele foi trazido inevitavelmente diante do rei da ilha; o rei o conhecia e não ficou contente por vê-lo retornar para repetir do que poucos Homens mortais foram privilegiados em conhecer até mesmo uma vez, depois que ele tivesse tido muito disto antes.

Ælfwine alegou que havia tomado muito cuidado que o conhecimento que os Eldar tinham dito que levasse com ele, tinha sido copiado várias vezes e as cópias tinham sido seguramente distribuídas e estavam sendo re-copiadas entre os Homens. O rei ordenou que Ælfwine fosse cuidado sob vigilância firme até que ele recuperasse a sua força, e então para

ser posto em um navio pequeno para Manwë senhor dos ventos soprá-lo dali para o leste novamente, pois ao longo das eras os Elfos tinham aprendido o modo duro para não deixar todo mundo caminhar casualmente entre eles. Ælfwine apelou em seu Quenya que estava agora muitos anos envelhecido pelo desuso: "Antes daquele destino, me conceda uma coisa: me deixe mergulhar novamente com um súyil, até mesmo se for apenas uma vez"!.

“Muito bem - disse o rei - há muito para consertar em meus portos depois daquela tempestade que você instigou por vir aqui sem ordem e sem ser bem vindo, e então fez pior e mais longa persistindo em vez de partir de volta para o leste depois da primeira advertência. Você deseja mergulhar; você vai, e por algum tempo ajude meus marinheiros nos consertos, pagando sua hospedagem aqui até que esteja apto o suficiente para velejar a sua casa novamente. E a minha ordem para você não revelá-los e várias outras coisas aos Homens ainda permanecerá, mesmo como quando você falou de querer levar de volta com você alguns súyili e um dispositivo para os reencher, quando eu lhe enviei para casa antes. Depois de algum tempo eles precisariam de reparo, e os homens teriam que vir ou mandar de volta aqui para isso. Nunca novamente eu ou os Valar vamos deixar a Rota Plana se tornar um caminho de comércio rotineiro com mortais: nós tentamos isso com Númenor na Segunda Era, e você sabe como terminou. Ou isso, ou como também súyili e os refis deles você precisaria das habilidades e dispositivos necessários para fabricá-los e fazê-los funcionar. Os homens também usariam essas práticas e dispositivos para fazer muitas outras coisas mais prejudiciais e muitas coisas que pareceriam úteis mas consumiriam muito do que há outros usos para elas. Não só é você que tem que obedecer tais ordens: há conhecimento em Valinor que nenhum a leste das Pelóri é permitido aprender ou buscar ou falar dele.”

“Como eu sei - Ælfwine disse - uma vez esses ventos me levaram para o Oeste. Não esperava que eles alguma vez fizessem isso, mas fizeram. Perto da praia da Baía de Eldamar eles me mostraram o Grande Armamento de Ar-Pharazôn (que ele fez ajudado por Sauron, e conduziu contra Valinor). Sob milhares de anos de crescimento de corais a forma daqueles navios como nós nadamos entre eles não estava muito clara, mas alguns deles eram imensos. Um homem acostumado a barcos pequenos diria que um navio de carga grande como um Knarr Viking é enorme, mas alguns destes eram tão grandes quanto aldeias e completamente da forma errada para ajustar uma boa expansão para velejar. Um dispositivo que um de nós tinha dito que havia pilhas enormes de ferro lá. Elendil disse que Númenor em seu tempo tinha navios que navegavam sem vela ou remo [Estrada Perdida, pág 67] e de fato nenhuma vela ou remo poderia ter impulsionado navios tão grandes. Lá no fundo longe de casa com um súyil eu rezei para Deus (a quem meu povo chama Eru) e para todos os Seus santos que tal poder do inferno nunca deveria estar novamente no comando dos Homens. Os Valar de fato são poderosos, para afundar até mesmo aqueles. Agora todo aquele trabalho dos Homens não tem nenhuma utilidade para ninguém exceto como um abrigo para peixes e moluscos. Eu não culpo os contadores de histórias que depois mudaram o conto e falaram apenas de navios de madeira. O lugar é chamado Karkar Tar-Kaliondova [as Rochas de Ar-Pharazôn] como se ele ainda estivesse lá com sua frota, embora os livros digam que ele e o seu exército vieram à praia e tomaram Tirion. Uma vez aquela frota ameaçou o mundo; agora esta permanece lá até o Fim entre milhões de pequenos peixes brilhantemente coloridos.”

“O que você estava fazendo lá!? - o rei perguntou asperamente - é o bastante deixar um Homem de vez em quando em Eressëa apesar da Proibição, mas Aman, a Abençoada, é nossa apenas, e proibida como você sabia. Mais ainda depois do dano e saque que o exército de Tar-Kalion fez em suas costas.”

“Para refazer ancoragens e salvamento eu fui em um navio, como uma interrupção de ler e copiar - Ælfwine disse - alguns Vikings entraram na Rota Plana, perderam Eressëa e chegaram a 35 milhas da costa de Araman antes que a tempestade se erguesse. Esta os afundou; mas esta também fez muito dano ao redor das ilhas da costa entre Kantanelki e Alta Tarukkár. Nós tivemos que fugir antes da tempestade e terminamos quatro dias de navegação ao norte-noroeste longe daqui. A tripulação considerou que eu seria mais útil para eles debaixo d'água como um par extra de mãos do que ocioso usando seis dias de navegação me trazendo de volta para cá primeiro. O continente Teleri não poderia fazer o trabalho tão breve quanto nós porque estavam fora no interior em Valmar e Ezellohar para uma cerimônia. Muito do tempo que eu e a tripulação estávamos reconstruindo plataformas de desembarque e tais como ao redor de Pinilya Tarukkár. Eu não fui nem à praia nem ao continente.”

“Eu vejo, as coisas surgiram e as regras colidiram e uma delas foi desviada. Até mesmo aqui como entre os Homens - o rei disse - contra o exército de Tar-Kalion os Eldar tiveram que abandonar a costa sem lutar e tentar defender a Calacirya, mas com pouca esperança (e você sabe por que, tendo visto aqueles navios e percebido quantos homens e armas de fogo eles trouxeram para a orla). Os Valar tiveram que intervir diretamente e todos sabem o resto da história. Ele e o seu exército chegaram à costa de Aman, mas agora jaz com a sua frota. Eu não falarei nada mais disso e de como o exército foi detido. Meu coração prevê que os Homens redescobrirão bastante em breve sem ajuda como fazer e usar tais coisas como eu falei, mesmo imagens dos dispositivos de poder de fogo do Inimigo que em um dia consumiram Gondolin que todos esperavam que não pudesse ser tomada exceto através de um longo cerco e fome, e do muito que é escondido em Valmar poucos até mesmo lá são permitidos saber e nenhum é permitido fazer; mas eu não impedirei que isso venha mais breve do que precisa. Muitos nesta ilha são Noldor que foram cativos em Angband tendo que fazer e inclinar-se aos artifícios do mal de Morgoth, e quando muitos chegaram aqui depois que a Guerra da Ira subverteu Morgoth e os libertou eu me lembro muito bem da linguagem corrompida Múlanoldorin que falavam, cheia de palavras sujas e jargões de mecânicos levados do Órquico de Angband, e o trabalho que tiveram aqui para aprender o uso certo da sua própria língua novamente. Freqüentemente quando falando de um companheiro ou cavalo doente eles usaram palavras como se ele fosse uma daquelas máquinas funcionando errado, esquecendo das palavras que o Sábios em Valinor fizeram para nomear enfermidades e feridas. Duas Eras mais tarde foi similar depois da queda de Sauron: dos escravos de Mordor que o Rei Aragorn Elessar de Gondor e Arnor libertou, muitos não sabiam nenhuma língua de Homens mas somente a Fala Negra que Sauron inventou.”

"Havia outros tais dispositivos - Ælfwine replicou - nós não temos nenhuma arma de fogo das quais você fala, nem os Vikings as têm: os poetas deles podem chamar uma espada de uma 'chama de Odin' ou semelhante sem causar confusão. Mas documentos que eu vi aqui dizem que os Númenorianos exilados depois da Queda fizeram uma arte voadora [A

Estrada Perdida, pág 17], a qual eles voaram para outras terras onde muitos pensaram que eles eram deuses, mas por eles mesmos eles não poderiam cruzar Ilmen ou encontrar a Rota Plana para chegar aqui, e aquela habilidade está perdida.”

“Sim, aquela habilidade está perdida - o rei disse - em Gondor e Arnor os Eldar falaram contra tais coisas, e em outro lugar os homens mantiveram a arte de fabricá-las um segredo conhecido por tão poucos que a tradição foi perdida em saque, destruição pelo fogo e morte quando homens guerrearam a respeito da possessão das bases dos navios voadores. Por isso os Sábios são gratos: Sauron poderia ter feito um uso muito prejudicial deles. Bastante dano e perigo vieram nos poucos anos quando os Nazgûl tinham os seus cavalos voadores e já não eram constrangidos para onde os pés e as patas poderiam ir.”

“Na Guerra do Anel o Inimigo fez dispositivos de fogo novamente - Ælfwine disse - Saruman em Isengard e em Barad-dûr, e o fogo explosivo que em uma noite quase levou o Abismo de Helm, o qual no tempo de Helm tinha resistido contra os Terrapardenses e Corsários de Umbar por aproximadamente 5 meses. Os Valar ficaram agradecidos que os Corsários não tivessem navios voadores, e que os Vikings não os tivessem pego agora: eles causam bastante dano invadindo através do mar. E os documentos a respeito dos navios voadores também dizem que 'nossos dardos são como trovão e voam através de léguas certeiramente', o que quer que eles podiam ter sido.”

“Semelhante coisa pode vir novamente entre os Homens - o rei disse - os homens são pouco vividos e muito freqüentemente se apressam em uma idéia sem ver todos os lados desta ou o que esta causaria depois das suas próprias existências. Até mesmo Eärendil o que viaja distante é assim restringido: por causa do que ele sabe e usa, não pode visitar sua terra de nascimento novamente ou aterrissar em qualquer lugar em Arda ou Valinor exceto perto de Valmar. O navio de Eärendil, no qual Elfos e Homens viram-no voar contra as Thangorodrim na Guerra da Ira deve ser muito grande em batalha, de qualquer forma seu navio de madeira Vingilot foi reparado e recebeu poderes estranhos: matou muitos dragões e até mesmo destruiu as montanhas de forma que as cavernas de Morgoth foram abertas. A história diz que a montanha foi destruída por Ancalagon, o dragão, caindo nesta, mas nenhum dragão que alguma vez voou poderia cair pesadamente o bastante para fazer isso.”

“Isso e outras coisas são por que, como lhe foi dito antes, a causa do que teve que ser trazido do encobrimento e usado na Guerra da Ira contra o Inimigo. O que o Inimigo usou nesta, as histórias dos Dias Mais Antigos que foram dadas a você dizem pouco dos detalhes daquela guerra, e nenhum Elfo ou Maia que estiveram naquela guerra podem falar desses detalhes, embora essa seja a parte daquela história a respeito da qual os homens mais querem saber.”

Assim Ælfwine foi permitido ficar: era duro trabalhar mergulhando em muitos lugares distantes e fundos, mas estava mergulhando, e sem esperança ele viu súyili novamente e usou um sólido e real e não contudo outra sombra de sonho noturna falsa de uma coisa que ele tinha desejado sem esperança em sua terra fria percorrida de guerra e sofrimento Anglos e Saxões, uma coisa que como muitas outras coisas ele não imaginou da primeira vez que ele velejou a partir do leste para a praia imortal.

Há uma coisa que os registros antigos falam, que Ælfwine tinha pensado estar acabado há muito tempo atrás mas viu acontecer. Ele estava no mar, a leste da ilha como alguém de uma tripulação ajudando a libertar uma ostra do leito do mar e coletar qualquer comida que pudessem encontrar, quando receberam uma chamada apressada para a superfície enquanto uma rajada ocidental soprou. A tripulação desfraldou toda a vela e acondicionou toda a engrenagem solta, com a habilidade de centenas ou milhares de anos no mar evitou de ser soprada em direção a recifes ou a Rota Direta. Enquanto examinando no convés depois disto, alguns dos Elfos viram na extremidade da visão deles ao nordeste um navio.

“Não é de fabricação Élfica, mas algo o está deixando vir para cá. A tempestade parou". disse Tumnakil o capitão.

Eles se aproximaram. Quando este estava no alcance da visão de Ælfwine ele viu que este era do tipo Viking, gasto por muito tempo navegação, sua vela uma sobra consertada com lençóis e roupas. Mas enquanto se aproximaram ele viu que sua tripulação não eram Vikings. A bordo deste ele só viu sombras que pareciam desaparecer ou deslizar de um lado para o outro se ele os olhasse continuamente; pensou ter ouvido ouviu ecos fracos de conversa em um idioma desconhecido. Tinha meio que visto ou imaginado tais coisas duas vezes antes, uma vez em uma floresta em Dorset na Inglaterra enquanto procurando por madeira de construção naval e uma vez em uma floresta ao lado das montanhas em Kerry na Irlanda, e ele fez o sinal da cruz e rezou. Os Elfos pareciam mais capazes de vê-los.

Um deles fez um esforço para ficar mais visível. A sua face era como aquelas dos Elfos. Ele estava esfarrapado e parecia faminto, cansado e desesperado. Falou em voz alta no mesmo idioma**: "Ntsi elli Ershili? Tsegh an Ersh? Elli eltli? Am tsul Khvent-tor tsas Elperts tsarkher. Am tsartsul ghas pelkh -tsa Pal-art?"**

[Análise em [A] abaixo]

Com um choque o conhecimento de linguagem de Ælfwine apareceu debaixo de uma capa de assuntos do mar, e ele reconheceu isto não como Órquico mas o que milhares de anos em terras mortais tinham feito de uma fala Avarin Élfica e seus locutores. Como a história dizia, eles tinham desvanecido desde as eras antes dos tempos quando os Reis Elfos regeram na terra.

“Você é do povo Ersh? Eu cruzar abertura no Céu? Nomeie a mim Pertsigh”. O Avar disse em fragmentos de Sindarin distorcido como se ele não tivesse falado este durante séculos.

“Nós somos de Eressëa – Ersya, Ersh - Tumnakil respondeu, aparentemente em Sindarin - nós somos Elfos.”

“Este é Vala-arda - Pal-art - Ælfwine adicionou, começando a reconhecer algumas palavras e tendências de mudança de som.”

[Análise em [B] abaixo]

“Af? Nen foi? Nen an-am tsis ar vagh. Am pakh tsa el mer.”

Pertsigh apelou por comida e água limpa a qualquer preço pedido, e apontou para os barris de água do seu navio. Os Avari tinham muito claramente esquecido quase tudo, menos o sofrimento de como sobreviver em florestas que estão sempre diminuindo e como se esconder dos Homens. Tal era uma das últimas sobras dos povos Élficos que uma vez viveram em Arda.

Ælfwine se lembrou de contos do destino dos homens viventes que subiram a bordo de navios fantasma, e temeu. Mas o navio era real e feito por Homens, e em seu trabalho de madeira estavam letras rúnicas do tipo Viking. Quase tudo a bordo tinha sido reparado ou substituído com paliativos. Ele seguiu Pertsigh no navio e olhou nos barris. A maioria estava vazio, mas um deles tinha um pouco de líquido nele - eu não chamarei isto de água. Ælfwine cheirou este, e recuou. O seu segundo cruzamento terrível de Arda e o mesmo cheiro veio tudo muito vividamente a sua memória. O que restava da comida deles era pouco melhor. Tumnakil ordenou a sua tripulação para lançar tudo aquilo para o lado e lhes darem materiais frescos. “Diga ao seu povo: Siga-nos. Nós vamos para Eressëa - para Ersh”. ele explicou em Sindarin, mas não foi compreendido.

“Só duas vezes antes desde a libertação dos escravos de Angband eu vi Elfos em um estado tão ruim, e nunca com a fala tão corrompida - disse um da tripulação dele com um tremor - nos dias antigos quando Círdan ainda estava lá, a maioria dos que retornaram chegou em estado melhor em navios construídos e abastecidos para fazer a Viagem Longa facilmente.”

“Cume mid ús. We gáþ to Ershlande - to Eressean. Ælfa eard is neah, and hús maceres steorrena."

“Venha conosco. Nós vamos para a terra Ersh - para Eressëa. A terra dos Elfos está próxima e a casa da criadora das estrelas - Ælfwine disse no seu próprio idioma Anglo-Saxão. Alguns dos Avari sabiam o idioma dos Homens da terra deles: um idioma do norte da Alemanha, ao redor de florestas antigas perto de onde Wilhelmshafen é agora, mas nesses tempos bastante como o seu, e eles o entenderam. Eles explicaram sua história rapidamente: da propagação dos Homens e a diminuição das florestas nas quais os Elfos selvagens viviam. A comida tornou-se pouca enquanto o gado dos Homens comeu toda a vegetação rasteira e plantas de solo em muito da floresta que restava, e alguns dos Elfos se lembravam de histórias antigas de Valinor, mas muitos milhares de anos tarde demais, e não havia mais nenhum porto Élfico para adquirir um navio e instrução sobre navegação, e os Elfos de Arda continuaram enfraquecendo. Os Vikings começaram a invadir e fizeram coisas piores.

Uma vez os Vikings aportaram e invadiram muito perto da floresta dos Avari, abasteceram os seus navios e foram atacar os Homens locais. Um navio estava embarcado e atracado e o vento e maré estavam adequados. Pertsigh, que sabia um pouco do conhecimento Eldarin através de contatos indiretos raros há muito tempo atrás, viu uma vez em cinco séculos uma chance de obedecer o seu desejo antigo e escapar da Terra-média e da sombra escurecida dos Homens. Alguns do seu bando errante não foram persuadidos facilmente, mas todos eles saíram da floresta subiram a bordo e se deixaram levar, escaparam para o Oeste ao longo de uma estrada que eles tinham pensado perdida para sempre há muito tempo antes que as terras mudassem quando alguns de sua família vieram a Mithlond no antigo

Noroeste e encontraram esta abandonada. Eles tiveram que aprender a manipular um navio enquanto prosseguiam, mas os poderes élficos lhes ajudaram a encontrar o caminho, uma vez que sabiam o que procurar. Os suprimentos, estoques de inverno pilhados das fazendas Alemãs do Norte e não tencionados para uma viagem tão longa em tempo quente, diminuíram e ficaram ruins a medida que a falta de habilidade do mar reduziu a velocidade, mas fizeram o cruzamento e chegaram afinal a Avallóne, os primeiros por mais de 300 anos até mesmo a tentar isto. É afortunado que o navio de Tumnakil os encontrasse e os levasse em reboque, pois depois de muito tempo de navegação tinham ficado muito fracos para fazer muito exceto serem soprados de um lado para o outro pelos ventos sempre-variáveis até que a fome no mar produzisse um fim.

Ælfwine voltou ao porto com eles e ajudou a interpretar suas palavras aos Elfos locais; isto novamente atrasou os planos para mandá-lo de volta para casa. Através dos meses eles aprenderam as linguagens da ilha e ficaram mais, era possível ele ver como se recuperavam lentamente do longo exílio em terras mortais. Pertsigh mudou seu nome para o Sindarin Brethgil, o resto de seus homens agiu semelhantemente. Os Elfos registraram o idioma dos recém-chegados e certas informações sobre os eventos em Arda conforme pudessem fornecer. Ælfwine ajudando a carregar o barco de trabalho perto da costa de Tumnakil uma manhã assistiu sua partida para Valinor onde se colocariam na presença dos Valar, onde ele nunca poderia ir. Eles foram no mesmo navio, consertado e reabastecido, ajudado por um navegante local e tripulação, e assim um navio feito pelos Vikings em Vest Agder, na Noruega, afinal entrou na Baía de Eldamar e deu na praia debaixo dos muros de Tirion em Túna.

A lista de deveres para ele e os seus companheiros de trabalho se prolongou e o rei cedeu, lhe deixaram permanecer lá enquanto os anos o descobriam, como acontece com todos os Homens até mesmo nas Terras Imortais. Ælfwine renovou as amizades que tinha feito na ilha, alguns com Elfos agora famosos das histórias que ele tinha trazido para a Inglaterra. Quando levado a bordo de navios Élficos para locais de trabalho do mar viu novamente o continente Valinor, o pináculo branco e a longa sombra de Taniquetil, e mergulhou do navio pelas fabulosas praias esparramadas de jóias de Aman, todavia não foi admitido em terra firme. Atrás da cidade portuária de Alqualondë viu o enorme desfiladeiro sombrio da Calacirya que corta ao longo da parede da montanha: através deste nenhum Homem mortal exceto Eärendil e a sua esposa Elwing tinham caminhado, e eles nunca retornaram, o destino deles era estranho e distante. Mais adiante ao sul ele viu uma vez do navio o pico de Hyarmentir e a terra estreita de Avathar entre as montanhas e o mar, onde agora o sol radiante iluminava a floresta onde os Elfos diziam que no tempo das Duas Árvores uma escuridão má e redes de feitiçaria esconderam Ungoliant enquanto ela crescia em poder até que ela se aliou com Morgoth para matar as Árvores e assim causou o acontecimento das Eras do Sol e do Tempo dos Homens.

Os anos gradualmente o tornaram lento e o enfraqueceram, mas ele ainda mergulhava, cada vez menos disposto a luta contra as correntezas da maré enquanto nadava, arrastando duas bengalas nas quais se apoiava quando chegava em terra. Ælfwine viveu muito mais tempo do que teria no salão em Porlock em Devon, mas não para sempre; ele viu o seu 102º inverno, se é que se pode falar de invernos em Eressëa.

Era o tempo quando o coral desova, espalhando os seus ovos para semear as áreas despojadas pela tempestade ou queda de rochas ou por serem roídas pelos peixes. Talvez jubiloso por aquela renovação de vida maciça, ele nadou quase mais forte que do que havia nadado por muito tempo, até que o seu súyil ficasse vazio e ele tivesse que voltar para a terra. Se arrastou trabalhosamente para um assento na praia, e se sentou neste no pôr-do-sol gentil Eressëano, e dormiu, ainda em seu equipamento. Bem depois da manhã, alguns Elfos Telerin nativos que passavam encontraram-no ainda lá, pois à noite o seu coração tinha exaurido afinal. Mesmo assim ele teve o seu último desejo, e 'morreu em uma couraça', embora não debaixo d'água, e não por deterioração lenta de incapacidade impossibilitado de fazer qualquer coisa mais. Eles repuseram o equipamento dele no estoque, e o enterraram no Cemitério dos Estranhos, e no túmulo esculpiram o seu nome e o resumo da sua vida no próprio idioma deles e no seu, e assim terminou.

Se qualquer Homem mortal depois soube do maravilhoso súyil que dá a liberdade das profundezas, ou usou um, não é sabido, até que os Homens crescessem em arte e reinventassem isto independentemente, e o que foi uma vez um segredo dos Eldar é conhecido agora a muitos entre os Homens; e eu mesmo tenho usado um freqüentemente.

Anthony Appleyard